

Marcos Laffin

Oceano

RedomA  
EDITORA

O leitor tem em suas mãos, como o título já sugere, matéria líquida em chamas. É verdade que os oceanos concentram grande salinidade, o que impede a ingestão de suas águas. No entanto, pode-se banhar todo o corpo, sem medo; pode-se banhar das mais diferentes maneiras: os medrosos ou prudentes molham os pés, no máximo com água pelas canelas; os desejosos de profundidades se arriscam com água até o pescoço; os ávidos e impetuosos mergulham todo o corpo; e, ainda, os desesperados de desejos imergem o corpo em longas apneias. Marcos Laffin, nestas prosas poéticas, deixa ao leitor um espectro infindo de possibilidades de mergulho, até mesmo o embebedar-se em salinidades, pois que o corpo dissolve e coa sabores e, de repente, descobre-se fluido em outro líquido.

Marco Vasques

@ copyright 2022 Marcos Laffin  
edição Marco Vasques  
diagramação Denize Gonzaga  
capa Denize Gonzaga e Marco Vasques  
desenhos Bárbara Bublitz  
revisão textual Denize Gonzaga  
concepção geral Editora Redoma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L163

Laffin, Marcos, (1962- )

Oceano / Marcos Laffin. Florianópolis: Editora Redoma, 2022.  
68 p. il.

ISBN: 978-65-997316-1-7

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. 3. Prosa poética. I. Título.

CDD: 8869.1 / CDU: 82-1

Ficha Catalográfica elaborada por Esni Soares da Silva - CRB 14/704

Marcos Laffin

Oceano

Redoma  
EDITORA

## SUMÁRIO

Corpo, casa e incêndio  
por Marco Vasques / 9

1º Ato / 14

Santa Ceia / 18

Agonia / 20

Mistérios / 24

Confessionário / 26

Quarador / 28

2º Ato / 32

Tamarindo / 36

Deserto / 38

Indiferente / 40

Pulsações / 42

3º Ato / 46

Refratário / 50

Enluarado / 52

Desapego / 54

Incêndio / 56

Violação / 58

"Isso dói": itinerário e a busca de Marcos Laffin  
por Rubens da Cunha / 62

QUARANTENA

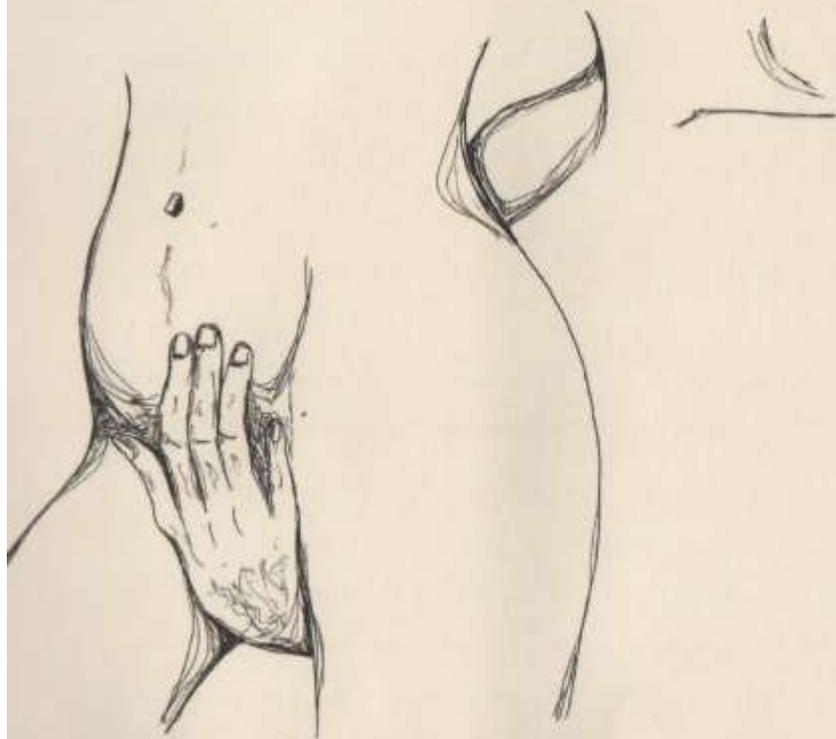
*A vida, todas as palavras, todos os significados, tudo vem de lá,  
de muito longe, dos arteiros que respiro, aceito e assopro.*

Para Minha Mãe, Dona Oi  
e  
Para Meu Pai, Seu Laffin.

QUARANTENA



*O mundo nada pode contra um homem que canta na miséria.*  
Ernesto Sabato



## CORPO, CASA E INCÊNDIO

por Marco Vasques

O leitor tem em suas mãos, como o título já sugere, matéria líquida em chamas. É verdade que os oceanos concentram grande salinidade, o que impede a ingestão de suas águas. No entanto, pode-se banhar todo o corpo, sem medo; pode-se banhar das mais diferentes maneiras: os medrosos ou prudentes molham os pés, no máximo com água pelas canelas; os desejosos de profundidades se arriscam com água até o pescoço; os ávidos e impetuosos mergulham todo o corpo; e, ainda, os desesperados de desejos imergem o corpo em longas apneias. Marcos Laffin, nestas prosas poéticas, deixa ao leitor um espectro infindo de possibilidades de mergulho, até mesmo o embebedar-se em salinidades, pois que o corpo dissolve e coa sabores e, de repente, descobre-se fluido em outro líquido.

Aqui o corpo é explorado em vários sentidos e direções. As metáforas deslocam o cativo e a tirania do habitual e exigem silêncio para o mergulho. Ora o desejo rascado pelos impulsos mais violentos na esteira de um Marquês de Sade, ora desenhado por uma sublimação à maneira de um Cântico dos Cânticos, ora marcado por toques atenuados à maneira de Florbela Espanca. Há incêndios para todos os tamanhos e níveis de

chamas. E é justamente esta abertura de sondagens que se constitui uma das maiores riquezas empreendidas por Laffin, pois o leitor, seja qual for a escala de sua fome, poderá encontrar um quinhão onde agasalhar sua vontade.

Nossos corpos suam e expelem matéria salgada e ácida; portanto, somos arquipélagos em miniatura com nossos órgãos banhados de água por todos os lados. O tamanho de nossa sede pode conduzir o percurso de nossa leitura. Outro ponto importante aqui é a universalidade dos corpos, embora em um e outro momento possa se identificar a sugestão de um corpo-desejante de outros corpos invertidos. Em seu avesso e tão cegos deles mesmos, essa percepção logo é desfeita com a proposição de uma triade que permite espelhar toda e qualquer maneira de desejo como irradiação central.

Uma prosa poética com palavras desnudas diante das serpentes do sol, num imaginário de corpos sobre corpos em que deuses e rainhas, libidos, leopardos lapidam idílios e utopias para outra realidade. É nesse universo metafórico que a palavra busca encantamento para mostrar-se unidade na linguagem que destila pensamentos, enigmas e dobraduras do cotidiano. O tempo faz temporal dentro do próprio tempo despertando cenários poéticos que deslocam a fome e a sede nos amálgamas em que o fogo e a água já não se sabem mais se reais ou abstratos: coexistem! São corpos disfarçados de palavras que escondem muito mais que o fragmento da cobiça: epifania dos inteiros. Este *Oceano* é água que se confronta com chamas. É fome que disputa a sede. Resulta sempre um outro corpo, um outro desejo, um outro querer. Tudo é impermanente.

Na linguagem, Laffin escolhe por desenhar um ritmo no corpo do leitor que sugere as mais variadas maneiras de encontro de corpos: estocadas desejadas, mas agressivas; acariciamento mútuo; desejo comprado; sexo casual; sexo idealizado; estocadas indesejadas, mas com carícias, enfim, a linguagem expressa uma ondulação rítmica que copula com o conteúdo – real ou onírico – dos corpos que se tocam ou que se desejam. A tradição da poesia erótica/pornográfica é vasta em nossa literatura. Catulo, Ovídio, Safo, Baudelaire, Verlaine, Hilst, Mattoso: o desejo, o corpo e suas ardências sempre estiveram presentes em nossa tradição poética.

Marcos Laffin dá um salto importante em sua trajetória como escritor, pois alcança o já almejado nos livros *Muralhas de Lã* e *Cio de Pássatos*, ou seja, o equilíbrio expressivo, a concisão adequada, um cromatismo metafórico próprio e a universalidade dos corpos que se amam e se agridem em esgarçamentos de desejos ora dúbios, ora indubitáveis. Leitor, escolha o tamanho do desejo de sua travessia, pois neste *Oceano* há águas para todos os corpos e para todas as coragens. Escolha a dimensão do seu corpo-casa-incêndio.

[Marco Vasques é doutor em Teatro pela UDESC, poeta, crítico de teatro e editor do *Caixa de Pont[o]* – jornal brasileiro de teatro]

*Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina.*  
Manoel de Barros



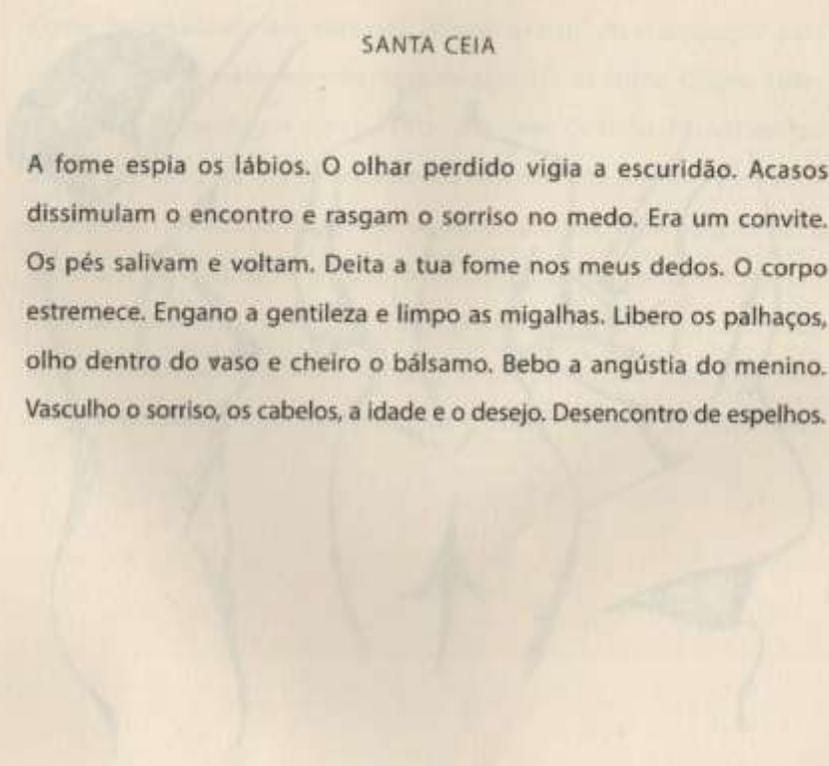
1º ATO

Folhas de tentação ainda ventavam dentro de mim. Pele desajeitada e macia roçava as cavidades dos meus eus. Eram muitas as vigílias para um sol e seus acenos e rajadas. Corri para engolir o perfume da tarde que se perdia em metades de romãs. Assim, como num jogo de adivinhações, tu dedilhavas minhas frestas. Confessei que desci em todos os porões da prostituição, à procura da barba que domesticasse minha fúria. Encontrei suavidade no casco arisco em que desejei cavalgar. Eras tão frágil em tuas renúncias! Quis tuas carícias como quem latejava pelos anéis de Saturno, em noites nebulosas.

Nestas horas as constelações apenas se olhavam e recolhiam suas virgindades. Entreguei-me ao fausto dos Descarinhos das tuas procuras, como quem se entrega ao soluço indelével das margens calmas de um rio lilás. Era minha resignação: rompi o precipício do açoite que desce de tuas mãos delicadas. Negavas o meu desejo como quem rejeitava a dor de amputar os pés do pássaro de fogo. Era a tua carne que azedava esse hemisfério. Desenhei-me em argila e encenei tuas cores na viúva benzedeira. Era quase uma bruxa. A penúria de suas horas quietas afiaram suas mãos no baralho das sedas. Lá, bebi os chás das oferendas e descobri pelo teu abajur as ondas do peixe-palhaço.

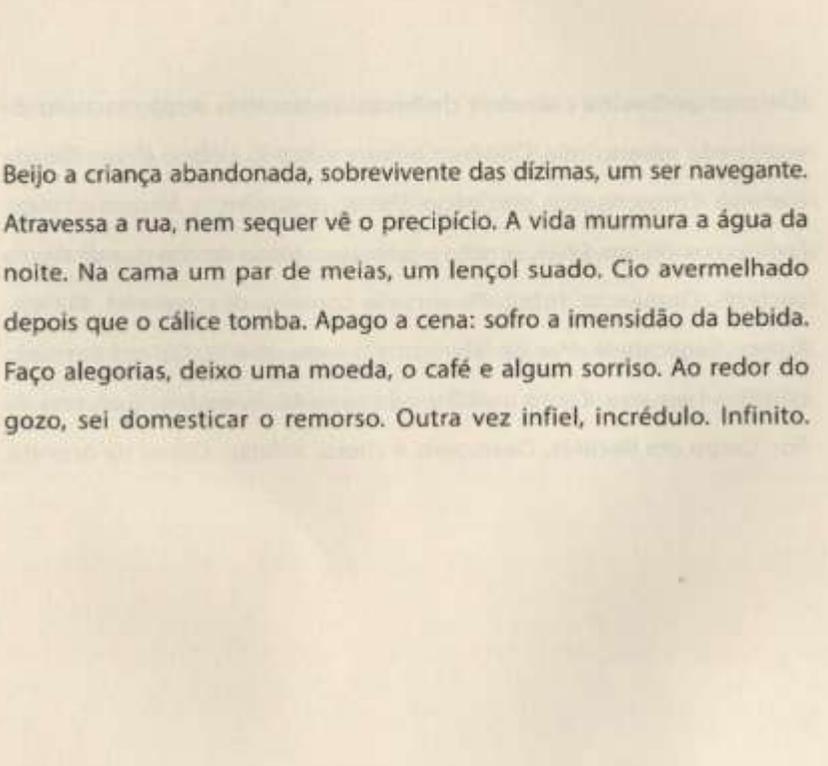
Como no desespero dos eunucos, ofereci ao mar um champagne para que fosses um cavalo-marinho. Rasguei as cenas da ilusão. Chorei. Luzes do tempo. Vi tua alegria com o cantar dos galos de rinha. Reconheci teu sorriso quando o colosso do lixo inebriou teus sentidos. Guardei reservas de consciência para a cena. Engoli meu desejo e vigiei tuas mãos percorrendo o dorso que se contorcia na leviandade da ereção. Lambias a carne como um ritual de prisioneiros. Tua língua escorria por entre pés e umbigo, circulando em êxtase no eucalipto. Mãos voltavam a acariciar o dorso, agora em lodo e em arrepios. O corpo dele era voraz e nenhuma parte foi esquecida.





## SANTA CEIA

A fome espia os lábios. O olhar perdido vigia a escuridão. Acasos dissimulam o encontro e rasgam o sorriso no medo. Era um convite. Os pés salivam e voltam. Deita a tua fome nos meus dedos. O corpo estremece. Engano a gentileza e limpo as migalhas. Libero os palhaços, olho dentro do vaso e cheiro o bálsamo. Bebo a angústia do menino. Vasculho o sorriso, os cabelos, a idade e o desejo. Desencontro de espelhos.



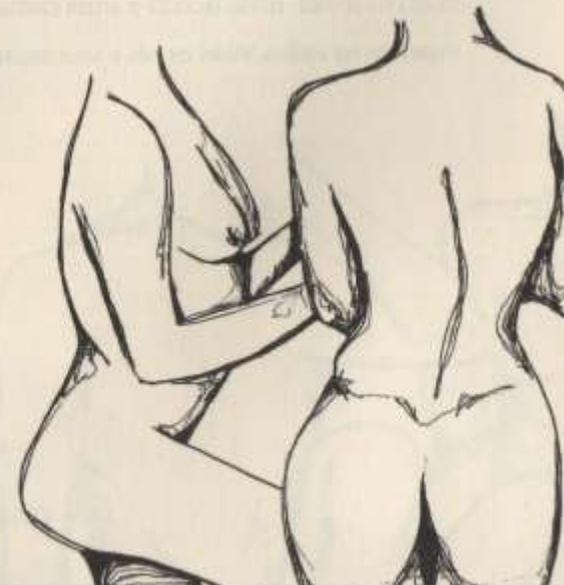
Beijo a criança abandonada, sobrevivente das dízimas, um ser navegante. Atravessa a rua, nem sequer vê o precipício. A vida murmura a água da noite. Na cama um par de meias, um lençol suado. Cio avermelhado depois que o cálice tomba. Apago a cena: soffro a imensidão da bebida. Faço alegorias, deixo uma moeda, o café e algum sorriso. Ao redor do gozo, sei domesticar o remorso. Outra vez infiel, incrédulo. Infinito.

## AGONIA

Garimpo pedras na corcunda de horas devassadas. Arpão lacrado de velas pede misericórdia. Dilúvio. Cheiro e mistério. Lábios e riso. Dúvida e aceno. Corpo, fogo e precipício. Desejo e distância. Abraço e rasgo. Endereço anônimo. Silêncio, grito e promessa. Medo do eco que dissimula partidas. Demência. Inútil. Perverso e corrompido. Ingênuo. Malícia. Pureza. Sagacidade. Mar de labirinto em mesa aberta. Abraço desnudo crucifica fraqueza. Canto a virilha adormecida. Avenidas. Madureza da flor. Corpo em declínio. Desespero e choro. Solidão. Corcel na gravura.

Estrelas navegam dentro da escuridão. Gosto de mostarda nas paredes. Azedume da espera. Equilibrista. Escondido. Raízes aradas nos amores que busco em arredia sangria. Pedra cortada pela gangorra de afetos roubados. Procurei maturidade. Maternidade. Alimento. Pão e milho de esmola. Fim de tarde afunda o olhar na chegada das ausências. Histórias recorrentes. Senzala na alma. Tempo esticado no linho dos enganos. Panos de prato no rosto escondido. Talho de feno na rua vermelha.

Mais um suspiro. Martelo assovia o sino num tempo de roer. Algazarra no lixo. Não. O amor. Invisível em minha solidão. Procurei a espera. Comprei o afeto. Mentí. Enganei sentidos. Esvaziei o medo. Encanto de mármore. O asfalto secou na margem dos sapatos. Nem suor os pés rompiam. Memórias. Na gamela o barro se desfaz, marcando o tempo da água na face. Esse espelho de ver-se no tempo é pranto de quem amou e nem cinzas lambeu. Calcário cozido. Isso dói.



## MISTÉRIOS

Contrabandeei a casa habitada. Experimentei o mistério. Facas afiadas na textura das horas. Argola nas coxas escondem o guizo. Desvio de endereço. Desejo desperto. Rejeito a estrada sem terra. O suicídio é bem-vindo. Terreno fértil. Allmentei o vício e lancei o azeite. Corre um manjar. Uma lança em tuas mãos. Uma caverna e seu olfato. Lábios quietos. No tanque, açude que limpa os dentes e corta a presa. Cálido perdão nas contas. Palha. Sol. Grama. Um sol azul vestido de linho. Deserto. Agrura na pele despovoada. Cabeça nua. Ruído na fêmea: porta lacrada e anzol castrado no harém. Retorno e carregos espinhos na virilha. Violei os pés e seus sapatos. Abundância num pomar oco.

## MISTÉRIOS

Contrabandeei a casa habitada. Experimentei o mistério. Facas afiadas na textura das horas. Argola nas coxas escondem o guizo. Desvio de endereço. Desejo desperto. Rejeito a estrada sem terra. O suicídio é bem-vindo. Terreno fértil. Allmentei o vício e lancei o azeite. Corre um manjar. Uma lança em tuas mãos. Uma caverna e seu olfato. Lábios quietos. No tanque, açude que limpa os dentes e corta a presa. Cálido perdão nas contas. Palha. Sol. Grama. Um sol azul vestido de linho. Deserto. Agrura na pele despovoada. Cabeça nua. Ruído na fêmea: porta lacrada e anzol castrado no harém. Retorno e carregos espinhos na virilha. Violei os pés e seus sapatos. Abundância num pomar oco.



## CONFESSIONÁRIO

Migalhas não caem da mesa. Língua e suas vísceras se estendem até os pés do lambari. Espraia até os pés. Vísceras do lambari. Corre o rio de água salmoura. Noite. Subúrbio. Sublime. Brilho da estrela conduz o cão. Desalinho. Braços e pernas se juntam nas coxas. Mãos vadias escavam as tripas. Mastiga. Boca expele remorso. No olhar bênção. Urtigas afogam o sexo. Estação da seca. Migrante. Vai e vem debaixo da unha. Pele de ouriço recita a fome benzida. Soluços de lástima acalmam a frigidez dos dedos. Escondem o trigo. Vendavais de euforia. Tudo se repete. Aligeirado, o útero engole o feto. Água. Pimenta. Alecrim.

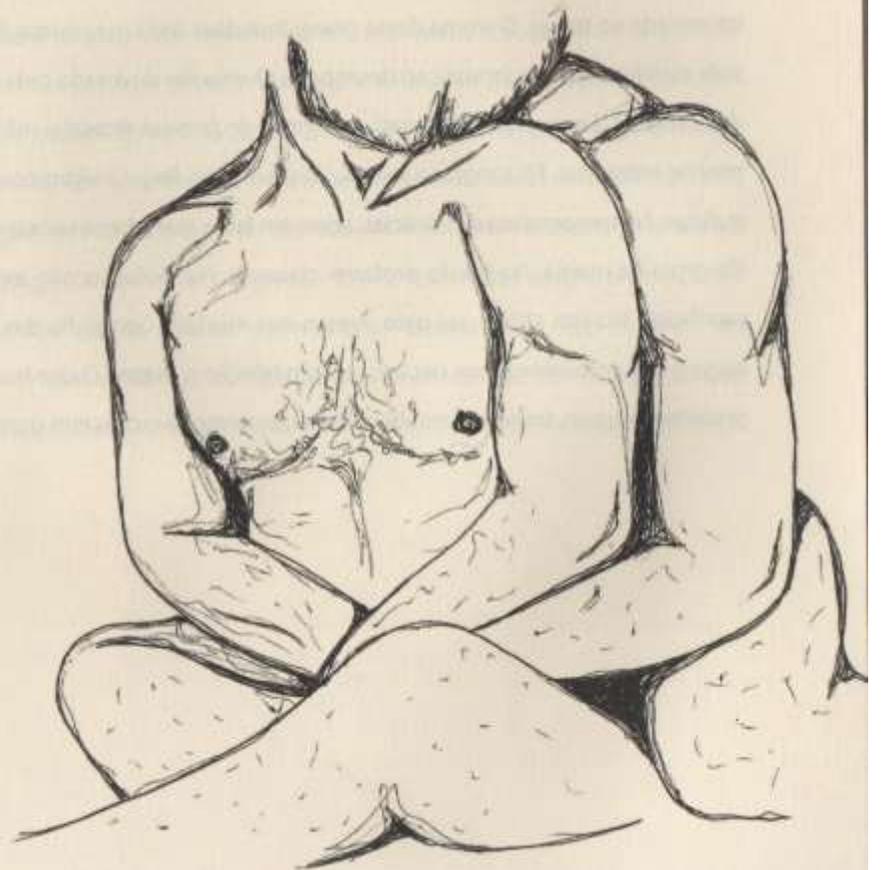
Novidade. Louro-do-campo. Alegoria. Recita salmos. Salsa. Palavra sem eixo. Tangente. Nu diante da chama. Benze. Implora. Agonias. Goza. Lambe. Morde. Goza outra vez. Ladeira. Caçamba. Vagão. Baú. Containers. Carga. Corrupto. Metal abre o sorriso. Morre a palavra. Cortinas balançam. Luz parda. Lilás. Cabaré. Um tango espreme três corpos. Corvos empalhados sorriem. Aplausos. Rodopiam as árvores em viço. Uma mesa virgem ressoa desejos. Pernas se abrem. Líquidos escorrem. Lanternas. Rua descalça esconde a lua. Na calçada, a louca vende segredos. Vês? Falam de ti. Ouviste?

## QUARADOR

Abri o armário dos cristais. Degustei o sabor das mãos que lapidam.  
Entrei nas nervuras do vidro. Rendas e sutilezas. Desliza um âmbar  
no pedaço rasgado de mim. Lâminas. Corte descarnado nas fibras.  
Embrulho de ouro e prata no linho da tarde. Destila cereais, caule e raiz.  
Na estante partitura inacabada. Espaço, violino e dorso em comensura.  
Estação sem partida. Enclausurado, o líquido ardil jorra como brinde.

Não sei das margens. Dentes marcados de plasma. Garganta em desfiladeiro.  
Nos pés, carne viva entre os dedos. Boca acende alimentos. Sangra. Sangra.  
Voltas. Vens em lufadas. Ardente. Recolhe cristais partidos. Colagem de estrelas  
na escuridão. Intocável, raízes implodem. Fornalha recolhe cinzas. Bem dentro  
dos ossos, língua e prostituto toleram o sol. Nos varais, corpos defumados.

*Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar! Amar! E não amar ninguém!*  
Florbela Espanca

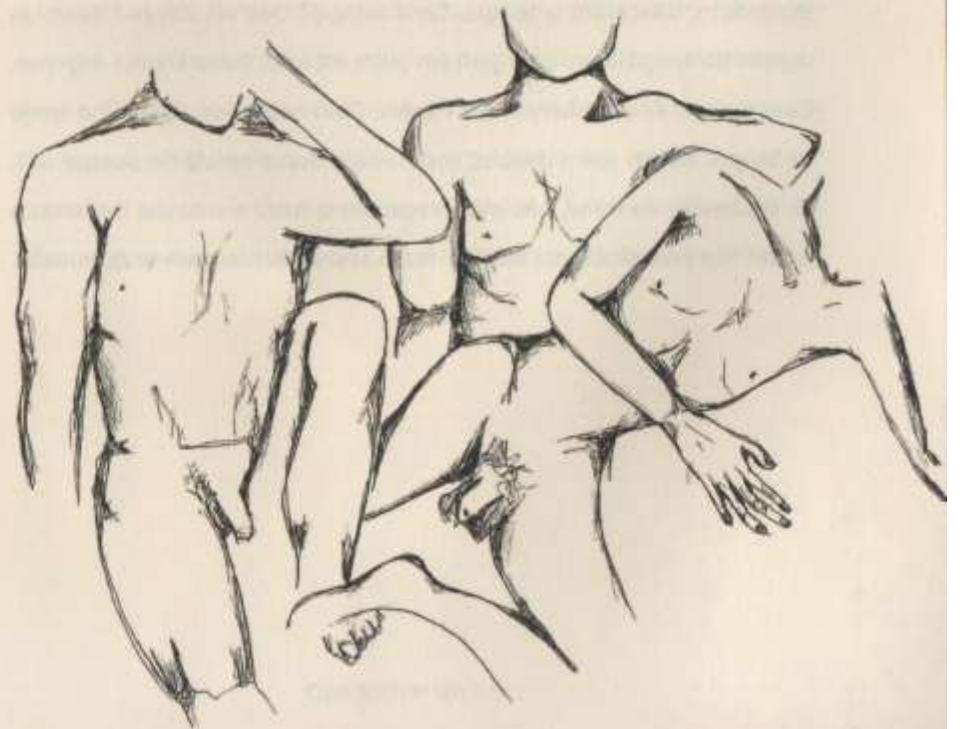


## 2º ATO

Barriga e virilha abrigavam a magia do olho dentro do olhar. Havia tanta intimidade no toque. O aroma desse prazer inundava todo meu corpo. Minha pele elástica estava submissa ao desespero. Queria ser devorado pela lenda dos canibais. Entreguei-me ao nativo instinto do farpear. Acasalei mãos em minhas entranhas. Fiz sangrar a volúpia das fantasias. Beije o vidro opaco da realidade. Na temperatura das delícias, ecoavam lavas que a boca seca engolia. Na orgia fiz magia. Na libido profanei clausura. Na violação não existem sacrifícios. No rito atravessei pelo avesso eus mortais. Geografia das lavas rasga o que eu conhecia por pecado: era em bênção o prazer! O que havia de profano e impuro, tornei noites azuis. No avesso emergi o obsceno gozo real.

Queimei todas as regras e os padrões. Depois do explodir dos fluidos, desmaiei quando o jato de óleo untado do teu montador sufocou tuas entranhas. Acordei. Era outra cena. Era a roda-gigante de infinitos que assombrou meus eus nas possibilidades do acaso. Desesperadamente, eu te queria dentro de mim de um jeito líquido e extasiante. Entendi. Era preciso sermos três. Naveguei em tuas cenas e na tua alforria. Vesti minha luxúria com o anjo da indulgência. Dividi teus segredos. Lambi sobras dos lençóis encharcados. Seduzi tua alegria e adormeci nos teus braços. Esse meu anjo era tua rotina. Ensinei a manejar as espadas. Comprei cada falo de virilidade para as noites apressadas. Amansei minha fúria. Converti teus frágeis amores-perfeitos.

Instalei-me como ar de todas as tuas horas. Decifrei o preço do prazer. Renasci virgem e enigmático. Embriaguei teus fantasmas. Numa tarde azul engoli teus aromas. Conheci tua sede e tua fome. Fiz-me céu do teu gozo quando estavas preso no tronco dos amores divididos. A realidade tem esse jeito de desejo, que fica confuso quando encanta o corpo e explode. Descobri o laço da ambiguidade. Sem confidências, tenho a identidade do prazer. Desenhei no corpo um paraíso — não com os açoites de onça macho nem de onça fêmea, mas de fênix com as cinzas de Atenas. Aprendi a amar no paraíso. Faço amor três vezes nas madrugadas. Às vezes derreto-me sozinho. Às vezes em três horas, em três tempos, em três corpos.



## TAMARINDO

Marcas na neve. Vermelho aberto. Cães beijam a boca. Saudade adormecida na lona dos ombros. Na virilha resistem memórias. Lago profundo, quieto. Raízes e horizontes se espalham, se agasalham. Do riso ao rio e do rio ao aconchego. Ainda é quente a saliva do desejo. A face de selva, e labirintos escondem, dilaceram o tempo. Qual tempo? Dos vendavais? Voam as digitais do apego. Feno e vargem em outra estação: outro animal. Ingênuo. Casa e neve. Vou lambendo tua espera. Gelo nas mãos. O menino lateja os braços. Bolsos roem delícias. Inclina-se o dorso no afã de possuir a lã. Se soubesses da fome, não mais vagariam o sulco e o caule. Demoras a passar. Nos precipícios, nos infinitos ficam as chagas. Alongam-se queimadas.

Por que sangram em mim as memórias que não cantei? O volume do abraço devora noites azuis. Fui amor ao beber sangue. No cio um perfume de tamarindo. Sei o que busco nas redes da agonia. Recuso em partir. Espinhos na face desvirginam esperanças lambidas. Estrelas se escondem nos sapatos e lambem os pés. Parecia o amor. Lâminas cortam minhas partes. Para quem escolhe, encontra êxtase. Para quem se perde, é rio. Liberdade navega no ventre. Dentro do vento, descanso. Nas mansas imagens de ti, sobram os desejos amenos de te engolir. Há um arrepio que passa no corpo e espreita a espera. Então incendeias novamente. É meia-noite. O relógio silencia. Abandono o sonho de Carnaval. Renuncio. Muito tarde entre nós.

## DESERTO

De onde começam os ventos? Uma roupa se prostitui e encanta o caminho. Tudo se perde. Tenho muitos começos vazios. Canta o canário: é um pedreiro no telhado latejando as vaidades — alimento e rejeição. No carrossel deslizam ternuras - aborto dos afetos. Rastejo teu caule. O corpo amante da cama. Infusão de credos na noite despida. Retorno do pântano. Água salivada fecunda meus rios. Em tua sombra me abres e comes por inteiro. No cheiro das roupas, a virilidade. Antes eras ternura e agora és carne. Perene, o músculo acasala, agride e voa. Um rosto devassado em pernas desesperadas. Dos joelhos até as crateras mais distantes come-se a mesma lua. Distraído, o desejo vai embora.

## SEXUALIDADE

Tudo é lindo no sexo. Tãmara negra e ingênua. Desfila a solidão nos portais da rua nua. Chove levemente. Há uma nódoa em teu sentimento. Nem existes. Nada sentes. No jeito descuidado, o afeto invadiu os porões. Desnutrido. Desnudo em beber a vida. Teus pés latejam as estrelas em que pisas. O mar é tua sina. Farol ilusório. A força de Hércules engolida pela língua. A boca ri o descaso da crença: homem-menino a lamber o intestino. Miséria e aflição no dilúvio do teu gozo. O líquido fanfarrão encaixa nas frestas de Pierrô. Quando tombo nos erros, tomo um banho. O líquido refaz silhuetas. O tempo desnuda as máscaras. Por que não vens?

## INDIFERENTE

Sangrando, o ventre rompe memórias. Retratos remexidos. Colagens da pele. Mergulho no deserto. Alicio as ausências. O mar furioso. Arredio, salga a caserna dos afetos. Amarro os navios da refeição. Depois, remendo ruínas nas sombras da pimenteira. Nevada azul. Aberto, o covil do útero naufraga. Corte entre os dedos. Nas paredes a fibra desmancha o tecido. Arrebento as nuvens. Vigio o cochicho das pedras. Enleado na vertigem, navego abaixo do sangue. Um tigre ataca. Arranca a quietude dos dias. Arrasta meus eus. Na janela do casario, o tempo exhibe memórias. Quero chorar. Mãos na testa.

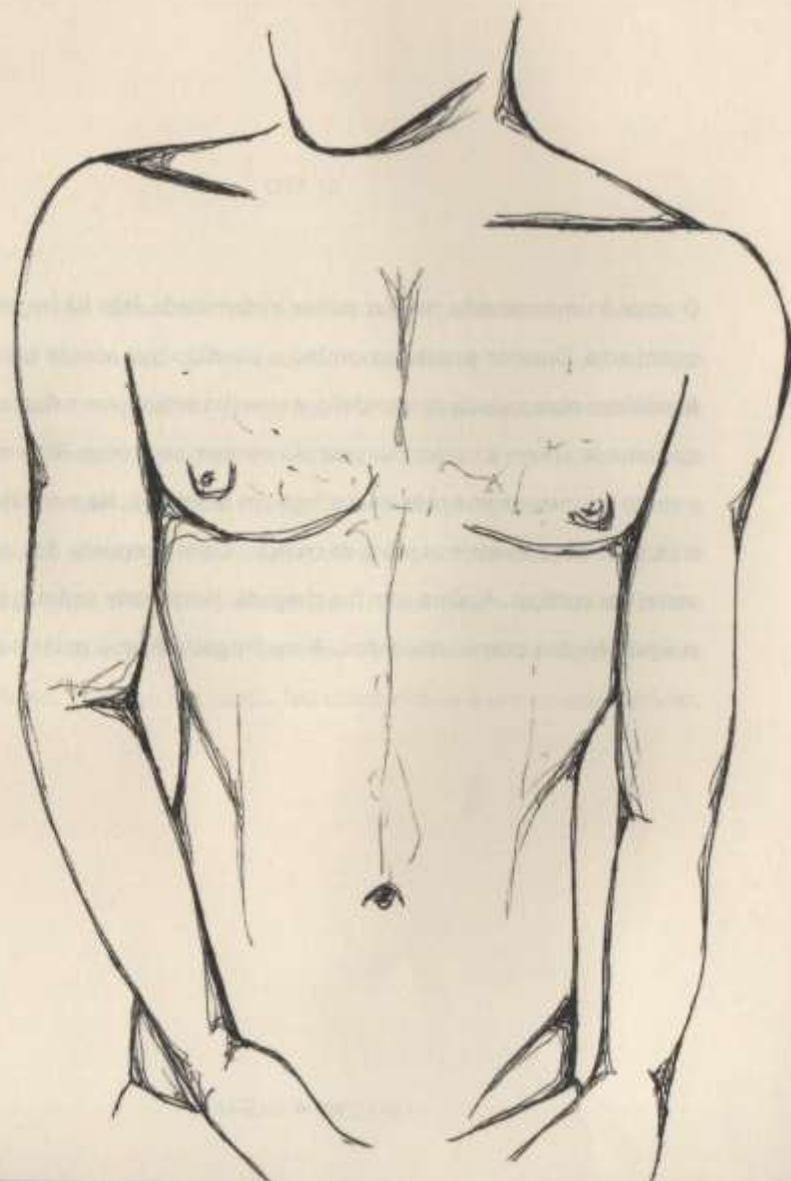
Pulsam virilidades. Abraço a indiferença. Galha azul voa num lamento. Impeço. Desvio. Grito. Aspereza nos lábios do olhar. Lascas de carne dormem na volúpia das ignorâncias. Deslizas e acendes a fúria da fome. Em tuas garras de suor, lateja a submissão. Aflito, perco o brilho no emergir dos pelos. Retém a tribo animal. Na esfinge o tronco da nudez silencia a algazarra. Silencia o desejo. Depois dos arredores, repeles o mistério. No fim, o azeite do tomilho floresce e se cala no deserto. Na partitura, o dorso desvanece. Suporto o rugido. Rego um eu desconhecido.

## PULSAÇÕES

Tenho aqui um pouco de lágrimas que não consegui decifrar em tempo. As que vieram depois, coloquei sobre a mesa. Indaguei os porquês: tecidos suados. Tecidos no tempo das mãos abriram lascas do desapego. Carrego o fardo das escolhas. Acordo dentro de cada madrugada azul. Ainda encontro a saliva de meus enterros. Retorno à casa da memória, incendiando falos úmidos do agreste. pulsações no tempo. Esse fiel algoz tem de tudo um pouco e em tudo tem um resto. Venho de longe, nem sei de quem foi esta dor. Carrego e espalho.



*O corpo é o templo onde a natureza pede para ser reverenciada.*  
Sade



3º ATO

O amor é uma comédia que faz pulsar a eternidade. Não há tragédias para quem ama. Durante a noite, assombro o bandido que acorda ruas quietas. Bandoleiro abre música de acordeão, e moedas estilhaçam o dorso. Acordes da carne se abrem e vazam dor quando vendem seu corpo. Retorno. Há um instinto em meu corpo e nele ateio o fogo dos desejos vis. Na memória queimei o crucifixo alojado entre as mãos de crenças. Comi a cegueira dos infames no vadio dos cortiços. Acalmo com tua chegada. Novamente embriago e devoro o aguilhão dos corpos divididos. A madrugada é uma galáxia excitada.

Nela, o deus que deita em minhas pernas não é um animal domesticado. É do animal que me consome que vem a prostituição inesgotável. Tem sabor de humano e habita cavidades. Há um jogo na sexualidade que devora a consciência. Nada é mecânico: corpo prostituído alcança o paraíso porque desafia o medo. Neste instante tenho em mim a mordaza dos gemidos. Ferro que saliva entre coxas. A nudez não é para quem goza antes do amanhecer. É para quem devora a lâmina ainda úmida durante as madrugadas. Estou dentro do corpo do teu mediterrâneo. O perigo me excita. Teu corpo-cidade é um amante perfeito.

Teu sexo é terreno. O corpo-rua é íntimo e desnudo; por ele atravesso a porta azul. Na bastilha, exibio minha reputação. Sou pimenteira da luxúria, e a ereção é sobremesa, é gala, líquida e musa. Nas lavas medievais sou rei e sou celta. Sou ferro dos vulcões adormecidos. Bebo o chá dos amantes em frutas e ervas. As canções fervem de luz e euforia na guilhotina do prazer. Teu corpo-luz é este sexo que deixa as vontades no tempo da gente. Na transgressão aprendi intimidades e entendi que no animal profano está a imortalidade. Virilidade na entrega. Quando tua nudez se coça diante de mim, te desejo com o mesmo incêndio que devoras teu macho. Para os humanos, resta a solidão.



## REFRATÁRIO

Luz dourada ronda o desejo. Calça aberta insinua o agulhão. Escorre ternura nas minhas possibilidades. Sou mais um no covil. Precipício. Tanta e toda nudez exala de ti. A burca que vestes, desprestenciosa, sabe o caminho. Quero o além, íngreme vegetação. Óleos e essências descem da vertigem. Me comes como o vento que lambe o sol. No umbigo sinto a virilidade. Entreaberta, a boca sangra. Sou o rio que escorre do passado. Tua refeição é meu sabor. Lábios e labirintos são como o touro que lança sua fome.

Da mandíbula, desce um gemido, um ardor. Escorre do canal que se ergue, a nudez teimosa da noite. O ruído que se repete são das marcas no corpo azeitado pelo volume da queimada. O amor se calou nas pedras. Na lua minguante a mão escava a linha do vento. Encontra o esquecimento. Matilha de fêmeas arredias e descompromissadas ficaram às margens. A memória traz a essência da coisa feita. Língua rebelde insurge na aridez do gozo.

## ENLUARADO

Tenho estado à margem do tempo. Pouco olho as estrelas no entardecer das esperas. Não são lamúrias. É coisa diferente. Suor que escorre. Arde nos olhos e entre as pernas. Vejo o mundo e sua nudez. Areia escaldante desliza das mãos e se esconde no fundo do mar. Olho o azul e o branco. Escolhi o sangue. Pássaros acasalam em todo lugar. Sofro a cerimônia.

A fome desce no peito. Arrasta-se em labirintos viris. Recolho o zumbi da castidade. Deito-me dentro de lavas. O fígado nas mãos. Os lábios entre os dedos dos pés. O caminhar de asfalto é a ausência do cantar do galo. Babel. Tudo no vazio é simples. A noite busca o amanhecer entre as jaulas do esquecimento. Diferente é o deserto.

## DESAPEGO

Ando andarilho de tudo. Sangro fome de pedras. Neblina espanhola na praça. Um ontem cheio de desespero. Faço curvas nos lábios do palhaço. Angústia queimando na pele. Somente o céu e o gozo existem. Seivas da face, erguem fálicos lábios. Visto a burca das vísceras. Lateja cicatriz. Pedaco da carne. O que sobra como pedra que rola. Desuso na mansidão do esquecimento. O corpo mal falado abriga um canto. É mesa árida. Escorre desse sertão a dor do amor estéril. O apego com deus é carnal. Ofereço o sacrifício das virgindades como abrigo. Essa caverna aqui dentro são as asas encolhidas. O andarilho enterrou seus pássaros.



## INCÊNDIO

Tudo era apenas riso. Afogou a língua. Cortou o corpo. Alma sem tragédia. Olhar cego era força, silêncio e máscara. Agrura nas paredes. Passos cimentados acinzentaram os ramiões entre pedras. Enterrou terra na cidade das sombras. Lâmina e coragem. Gaivotas voaram. Limiar de pouso em pés que sangram. Protegeu as mãos: escuridão era certa. Queria ser padre, assim usar o vestido seria normal. Partiu e nunca foi lembrado. Herdeiro de leopardos, padeceu de rascunhos. Flores envelhecidas.

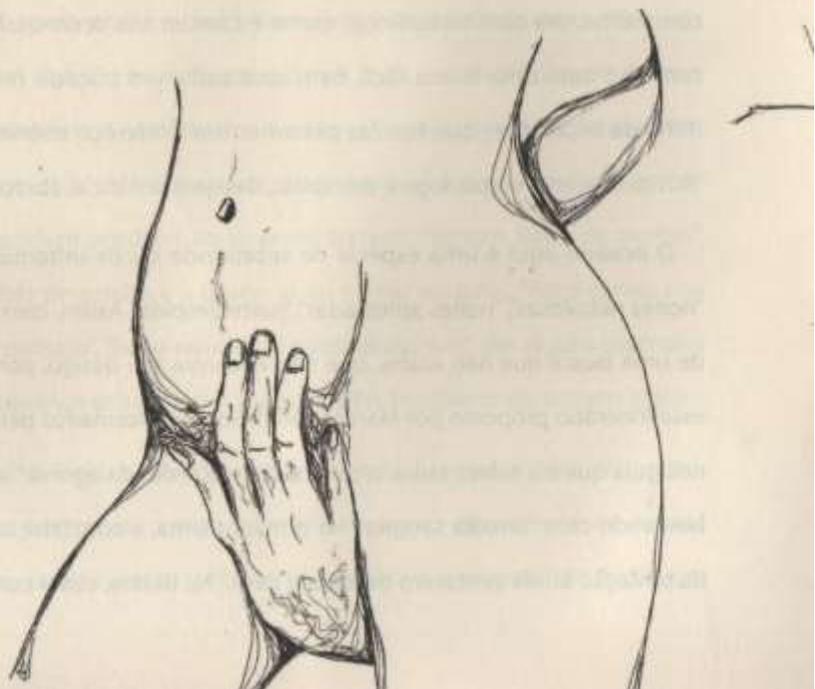
A perna andou manca e rosou contra o ódio. Nada além da cova. Os músculos ardiavam e escorriam gotas leitosas de silêncios. Nunca mais: dor longa para carregar. Procurei sentido nos homônimos. Nenhum registro. Nem sei de onde vim. Dor aguda era não saber o que fiz. No cerrado incendiaram o sangue primitivo. Cemitério era a casa em que nasci. Lá, despercebidas, dormiam folhas secas.

## VIOLAÇÃO

Surgiam nas canções: violas e violações. Larguei as contas do rosário. Arranquei o dedo. Devolvi o anel. Renunciei a hóstia. Ruínas na rua deslocavam a casa sagrada. Devagar, cabelos desnudavam o rosto. Açoites devoravam olhos. Lentamente caminhava. Vidros em lâminas abriam veias. Já não sangrava. Abria-se nova cova. Liberto, enterrava tuas ferrugens. O voo não era eterno. Oxidei.

Nenhuma plumagem cobria as lacerações. A pele arranhada era uma jaula. Faminto, encontrava a face do incêndio. Turbante nos lábios escondiam os pelos precoces. Do olho escorria a água que se despedia da cria. A língua lambia a fera que a devorava. O desconhecido abria sua boca. Cego, o desejo engolia a fúria: dentro do grito, os lábios beijavam a morte. Náusea.

*Lembra, corpo, não só quanto foste amado, não só as leituras  
onde repousaste, mas também os desejos  
que brilharam por ti em outros olhos...*  
Konstatinos Kaváfis



## "ISSO DÓI": O ITINERÁRIO E A BUSCA DE MARCOS LAFFIN

por Rubens da Cunha

A certa altura, a voz poética que pronuncia os 17 textos de *Oceano* diz: "isso dói". A dor aqui não é a romântica das idealizações nem aquela crua dos realistas, nem eivada de pessimismos *a la* Cioran ou Schopenhauer, mas uma dor que, ao mesmo tempo que é busca, é também o itinerário que ela percorre ao buscar. E é por essa dualidade que Marcos Laffin nos convida a ir. Dividido em três atos, *Oceano* nos faz ouvir essa voz que despeja sobre nossos corpos de leitores uma imensidade de imagens, metáforas, intrincamentos de linguagem e sentimentos que vamos desdobrando, desbordando, ora com calma, ora com turbulência, como é comum aos oceanos. Não é um caminho nem uma busca fácil, bem sinalizada, um traçado reto. É uma trilha de escuridões que nos faz percorrer um "endereço anônimo" entre "dúvida e aceno, corpo, fogo e precipício, desejo e distância, abraço e rasgo".

O oceano aqui é uma espécie de submundo ou de inframundo com "noites nebulosas", "noites apressadas", "noite despida". Assim, com o sentido de uma busca que não acaba, que não encontra seu desejo, percorremos esse itinerário proposto por Marcos Laffin. Somos informados pela voz que nos guia que ela talvez saiba "o que busca nas redes da agonia" e que está buscando com "arredia sangria". Na primeira linha, a constatação: "Folhas da tentação ainda ventavam dentro de mim." Na última, outra constatação,

talvez até sartreana: "náusea". E como que movidos por essa tentação e náusea, seguimos adentrando esse mundo imagético, delicado, mas violento, que o poeta nos apresenta. Tentados também, somos partícipes dessa busca, ora como olhadores desses corpos que se mostram, ora como uma espécie de transe, em que nos confundimos com a voz que nos fala, nos transmutamos nela e deciframos o preço do prazer, temos muitos começos vazios, nos colocamos também à margem do tempo. O poeta nos coloca à deriva, entre a segurança de apenas observar e a loucura de sermos nós os observados. Caça e caçador ou, como assevera Laffin quase ao final do livro, "a língua lambia a fera que a devorava."

*Oceano* é, portanto, um livro-convite. Não para uma celebração, uma festa, um hedonismo qualquer, mas um convite para entrarmos/mergulharmos nessas águas. Há muitas formas de se aceitar o convite: podemos entrar pela linguagem poética, polissêmica do autor. A cada nova frase um desvão, um alçapão se abre, e buscamos mais e mais linguagem, mais e mais a "palavra sem eixo". Assim, o oceano se transforma em linguagem, e somos envolvidos, muitas vezes, por aquelas faíscas surrealistas que as palavras podem produzir ao se encontrarem: "Sangro fome de pedras". "O caminhar de asfalto é a ausência do cantar do galo". "Faço curvas nos lábios do palhaço", "Água salivada fecunda meus rios" são alguns exemplos desses pequenos oceanos que Marcos Laffin faz dentro do oceano maior.

Por outro lado, o convite também pode ser pelo viés do corpo. Aqui, não temos um corpo, somos um corpo perambulante nesses caminhos, somos um corpo que se anuncia na epígrafe de Sade que

abre o terceiro ato: "o corpo é o templo onde a natureza pede para ser reverenciada." Assim, nosso corpo físico, quando lê essas palavras, atrai, incorpora, sente e resente esses sentimentos e ressentimentos. Um corpo empático, enfático nas suas buscas, no *trottoir* contínuo pelas noites, memórias, apegos e afagos clandestinos. Aceitamos o convite porque somos também "corpo em declínio", um "corpo-cidade", um "corporea", um "corpo-luz", um "corpo azeitado pelo volume da queimada".

Como dito anteriormente, há muitas formas de se aceitar esse convite. Cabe, portanto, a cada leitor, com a sua experiência, com a sua vivência entrar no *Oceano* e, a partir daí, nadar, mergulhar, boiar, resistir feito náufrago, afogar-se rapidamente, deixar-se levar ou lutar contra as águas. Talvez só não haja escolha, depois que se entra neste livro, de desconhecer que a busca e o itinerário são uma coisa só, que o desejo é falta constante, e que, conforme nos avisa a voz-guia (a nossa própria voz?), "tudo no vazio é simples. A noite busca o amanhecer entre as jaulas do esquecimento. Diferente é o deserto."

[Rubens da Cunha é doutor em Literatura pela UFSC, poeta e docente da UFRB]

Impresso em papel Polen Bold 90/m<sup>2</sup>  
pela gráfica da Imprensa Universitária - UFSC  
Fonte tipológica Myriad Arabic  
Florianópolis, abril de 2022  
1ª impressão

A certa altura, a voz poética que pronuncia os 17 textos de Oceano diz: "isso dói". A dor aqui não é a romântica das idealizações nem aquela crua dos realistas, nem eivada de pessimismos a la Cioran ou Schopenhauer, mas uma dor que, ao mesmo tempo que é busca, é também o itinerário que ela percorre ao buscar. E é por essa dualidade que Marcos Laffin nos convida a ir. Dividido em três atos, Oceano nos faz ouvir essa voz que despeja sobre nossos corpos de leitores uma imensidade de imagens, metáforas, intrincamentos de linguagem e sentimentos que vamos desdobrando, desbordando, ora com calma, ora com turbulência, como é comum aos oceanos. Não é um caminho nem uma busca fácil, bem sinalizada, um traçado reto. É uma trilha de escuridões que nos faz percorrer um "endereço anônimo" entre "dúvida e aceno, corpo, fogo e precipício, desejo e distância, abraço e rasgo".

Rubens da Cunha

Marcos Laffin

Oceano

ISBN: 978-85-997316-1-7

